

CIC

CONSELHO TEMÁTICO DE ECONOMIA E FINANÇAS

ATA DE REUNIÃO

Data: 05/10/2009.

**Presentes: Alexander de Messias, Carlos Zignani, João L. Borsoi,
M. Carolina Gullo, Mauro Corsetti.**

Os Conselheiros analisaram a situação conjuntural (próximos meses), assim como as perspectivas de médio prazo (próximos anos). A primeira diz respeito mais diretamente ao Planejamento Operacional das empresas, no curto prazo. A segunda tem importância maior nas questões estratégicas das organizações, reportando-se portanto ao seu Planejamento Estratégico.

Ao analisar tais situações, os Conselheiros levaram em consideração as análises mais recentes desde a última reunião. De particular importância foram as informações obtidas junto ao IIF – Institute of International Finance, à qual a CIC conseguiu associar-se, fazendo parte de um grupo de cerca de 300 organizações em todo o mundo.

1. A Conjuntura de Curto Prazo:

A avaliação feita pelo Conselho nas últimas reuniões permanece válida: a recuperação iniciada ainda no primeiro semestre deve continuar até o final do ano, podendo mesmo prolongar-se para o próximo. Na realidade, existe a possibilidade de que a recuperação seja até mesmo maior do que o que está sendo previsto por muitos analistas e organizações. Estudos do IIF (acima citado) mostram a relação entre a queda decorrente de uma recessão, e a recuperação que ocorre no primeiro ano após a recessão. Conforme estes estudos, realizados por ocasião de várias recessões, quanto maior for a queda, maior e mais rápida também será a recuperação no ano subsequente. Com base nestes estudos, o IIF elaborou uma relação entre as duas situações. O IIF afirma que, se esta relação prevalecer na atual recessão, o crescimento nas “economias maduras” (países desenvolvidos) poderá ser até mesmo de 7% no próximo ano. Por cautela, porém, a previsão daquela entidade é de 3%.

Assim, com base nas recomendações de várias organizações, a avaliação do Conselho, por unanimidade, é de que (a menos de um imprevisto significativo) deveremos ter a continuidade do crescimento para os próximos meses. E a recomendação que acreditamos seja recomendável para as empresas é de que procurem aproveitar ao máximo os ventos favoráveis deste período, buscando fortalecer-se para o que poderá vir a acontecer na sequência.

Várias ressalvas, porém, são cabíveis neste momento, e devem ser consideradas em conjunto com as observações anteriores. Como a utilização da capacidade instalada na Indústria está em patamar baixo (cerca de 70% na média, em Caxias do Sul), não nos parece recomendável no momento efetuar novos investimentos para o aumento dos níveis de produção, e sim utilizar a capacidade atual, que está em boa parte ociosa. Os investimentos deveriam dirigir-se, predominantemente, para o aumento da produtividade e da competitividade das empresas. Além disso, deve-se ter em conta que a política econômica praticada no País não é favorável ao desenvolvimento, pois continuamos com níveis muito altos de juros, câmbio desajustado, impostos em alta (redução da isenção do IPI) e aumento da inadimplência. O que se contrapõe à tendência positiva esperada para o futuro próximo.

2. A Visão Estratégica:

Já as perspectivas para médio prazo indicam que os próximos anos, subseqüentes a 2010/11, poderão ser menos favoráveis, conforme mostram os fatos a seguir.

Segundo avaliação de um dos principais economistas mundiais (P. Krugman, Nobel de Economia de 2008), “o mercado de trabalho irá continuar tenebroso durante os próximos anos. A proporção de pessoas procurando emprego é seis vezes maior do que as vagas disponíveis”. E isso poderá afetar o consumo, principal motor da economia americana.

Segundo o FMI, o tipo de recessão que tivemos, causada por uma crise financeira, normalmente atinge as perspectivas de crescimento de um país no longo prazo.

Por outro lado, o grande déficit fiscal, acumulado durante o auge da crise, terá que ser reduzido em algum momento no futuro. O risco é que, nos países desenvolvidos, os governos não consigam obter a credibilidade suficiente para implementar programas de ajustamento fiscal de médio-prazo, o que poderá levar a uma nova rodada de turbulência nos mercados financeiros.

A situação dos bancos mostrou melhoras nos meses recentes. Com isso, a perda estimada originalmente em US\$ 4 trilhões, foi reduzida para 3,4 trilhões. Contudo, o que pode parecer à primeira vista uma boa notícia, possui um fundo de preocupação: esta melhoria decorre dos ganhos auferidos pelos bancos com o aumento dos preços das ações. Uma nova queda do mercado acionário poderá anular esta melhoria, e trazer de volta o grande receio de novas quebras no sistema bancário internacional.

Outra possibilidade é a volta da inflação, devido aos fortes aumentos dos preços do petróleo e das *commodities* em geral, o que forçaria os bancos centrais a apertar a política monetária, aumentando de novo os juros. O que poderá abortar a recuperação em curso, trazendo de volta a recessão.

Assim, ao contrário do curto prazo, as perspectivas para o médio prazo não parecem ser otimistas. O período de forte recuperação em 2009/10 poderá ser sucedido por um período de novas dificuldades e contração de mercados, e portanto a uma nova redução do nível de atividade em geral. Conquanto se acredite que os países desenvolvidos possam novamente vir a ser os mais atingidos, não haverá como evitar que os emergentes venham também a ser afetados.

Desta forma, a recomendação que nos parece mais indicada para as empresas, do ponto de vista estratégico, é de que elas incluam, no seu planejamento de médio-prazo, a possibilidade deste cenário, e que desenvolvam estratégias com vistas à ocorrência de um período menos favorável no futuro. Neste período, flexibilidade para adaptação rápida à evolução dos fatos poderá ser crucial para a sobrevivência e sucesso da empresa.